

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/262419170>

O cais da Praça do Comércio e as suas colunas: transformação e valor patrimonial

Article · May 2014

CITATIONS

0

READS

523

1 author:



Alexandra de Carvalho Antunes

University of Lisbon

95 PUBLICATIONS 10 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Seaside Architecture Studies Network (SEAS-NET) / Rede de Estudos de Arquitectura de Veraneio [View project](#)



REBUILD LISBON 1755 | Lisbon reconstruction after the great 1755 earthquake (1758-1800) [View project](#)



gabinetes de estudos de Lisboa

3
2014



Direção Municipal de Cultura
Departamento de Património Cultural
gabinete estudos olisiponenses

rossio. estudos de lisboa n. 3 maio 2014

Publicação do Gabinete de Estudos Olisiponenses/DMC/DPC/CML

ISSN 2183-1327

Diretor

Jorge Ramos de Carvalho

Conselho Editorial

Anabela Valente

Ana Cristina Leite

Hélia Silva

Rita Megre

Projeto Gráfico

João Rodrigues

Secretariado Executivo

Vanda Souto

Fotografias da capa, índice e separadores

João Rodrigues

Colaboradores neste número

Carlos Fabião, Alexandre Sarrazola, Vasco Leitão, César Neves, Andrea Martins, Gonçalo Lopes, Manuela Leitão, Artur Rocha, Ana Cristina Leite, Ana Ramos-Pereira, João Araújo-Gomes, Jorge Trindade, Artur Rocha, Jessica Reprezas, Alexandra Antunes, Cândido Reis, Claudia Barbieri, Isabel Mendonça, Natália Nunes, José-Augusto França, Luís Urbano, Sofia Andrade, Rui Ricardo

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

António Costa

Vereadora da Cultura

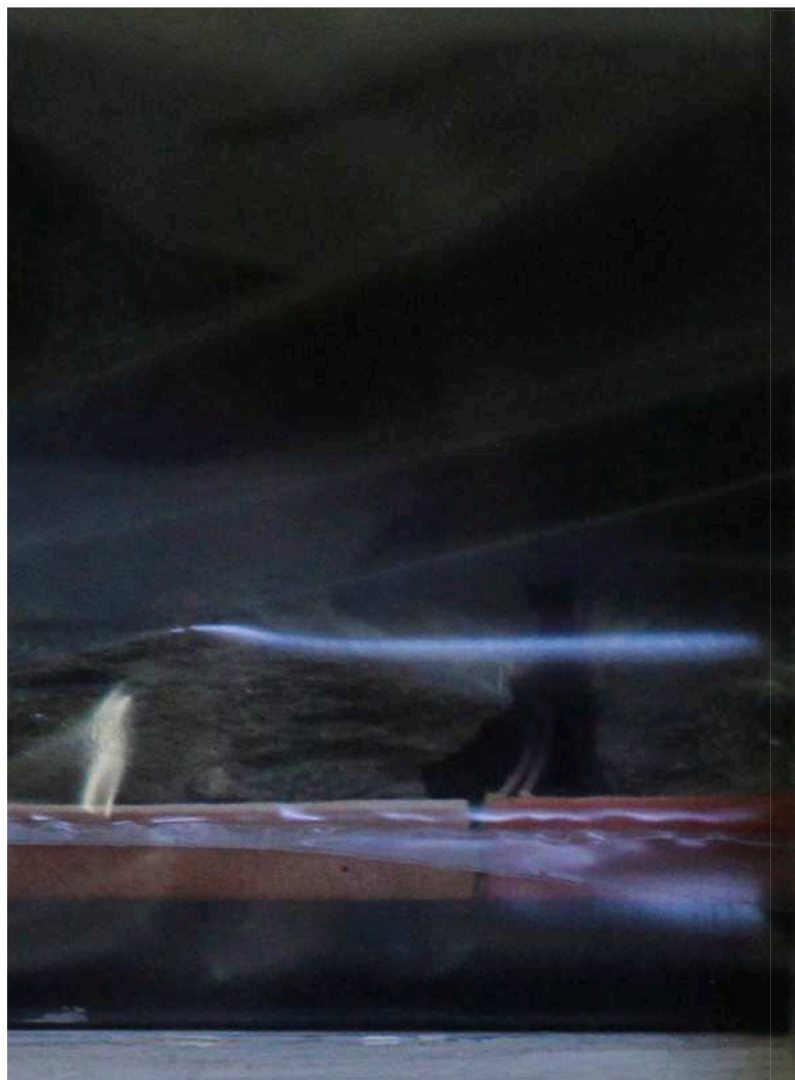
Catarina Vaz Pinto

Diretor Municipal de Cultura

Manuel Veiga

Diretor do Departamento de Património Cultural

Jorge Ramos de Carvalho



versão interactiva disponível em:
<http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/por-temática>



Voltar ao índice (clicar)



Activar visualização das Notas (clicar)



Desactivar visualização das Notas (clicar)

(imagens dos separadores recolhidas no Museu Geológico de Lisboa)

rossio@cm-lisboa.pt

[gabineteestudos olisiponenses](#)

O CAIS DA PRAÇA DO COMÉRCIO É AS SUAS COLUNAS

Alexandra de Carvalho Antunes
Instituto de História de Arte, FL, UL
GeoBioTec, Universidade de Aveiro

Identificação, localização e descrição

O Cais das Colunas é um dos mais importantes símbolos da Praça do Comércio, encerrando-a a sul. A praça foi planeada e construída depois do grande terramoto de 1755, no local do antigo Terreiro do Paço da cidade de Lisboa. Em Junho de 1910, a Praça do Comércio (incluindo todos os seus edifícios e a estátua equestre de D. José) foi classificada como monumento nacional. O Cais das Colunas integra ainda, de acordo com Portaria de Fevereiro de 2014, a zona especial de protecção da Estação Fluvial Sul e Sueste - classificada monumento de interesse público desde Novembro de 2012. De acordo com estudo monográfico em preparação, a construção do cais de rocha calcária na margem do rio Tejo começou no decénio de 1770 e prolongou-se por mais de duas décadas (Antunes 2015). Inicialmente o simbólico cais (Imagem 1) era ladeado por dois outros pequenos embarcadouros (Imagem 2). Desde os últimos anos de Oitocentos, somente a estrutura central - o Cais das Colunas - subsiste. O cais marítimo tem 50.8 metros de comprimento,



Imagem 1

Cais das Colunas, 2011 (Foto ACA, todos os direitos reservados)



variando a sua largura desde 12.4 até ao máximo de 44.2 metros. É atravessado por três galerias transversais. A altura visível varia entre 1.4 e 7.3 metros. As actuais colunas possuem 6.2 metros de altura. As fundações do cais são em alvenaria de pedra, apoiada em estacas de madeira alicerçadas em aterro. O núcleo do monumento é em enrocamento grosseiro amaciado, no tardo dos robustos panos verticais duplos, com argamassa de cal (Antunes, Coroado, Sequeira, Bolton & Rocha 2013). O calcário de lioz foi empregue nos paramentos laterais, no revestimento de pavimentos e nas duas colunas (Antunes & Coroado 2012). Em 1997, a construção de um novo túnel de metropolitano implicou a desmontagem parcial do cais. (Imagem 3). No Verão de 2008 a parte desmontada onze anos antes foi recolocada (Imagem 4).

Imagem 3

Vista da Praça do Comércio e do aterro, no rio, para a construção do túnel de metropolitano, 15 de Junho 2000. Lisboa. (Foto Scala, 2000 Gabinete de Estudos Olisiponenses, FT13232).

Imagem 4

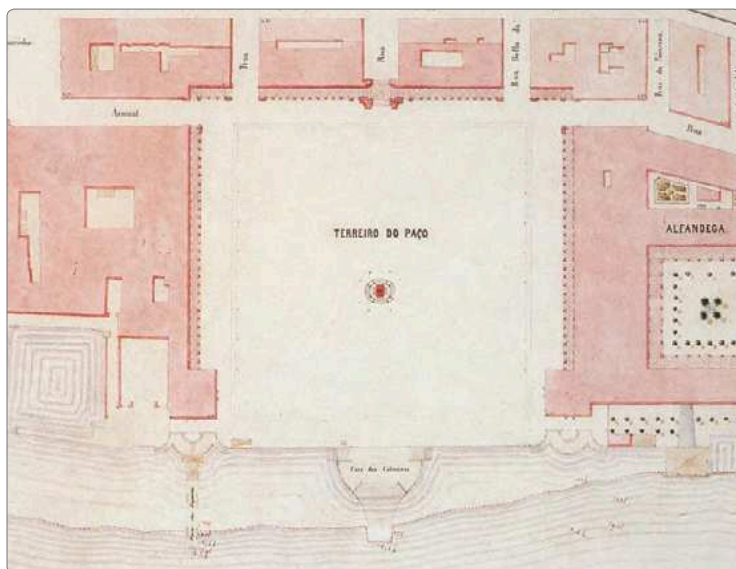
Vista parcial durante a empreitada de reposição, Agosto 2008. (Foto ACA, todos os direitos reservados).



129

Imagem 2

Terreiro do Paço e Caes das Columnas. Carta topográfica de Lisboa, 1856-1858, dir. Filipe Folque (extrato da folha 51)



Antecedentes e contexto da construção do caes da Praça do Commercio

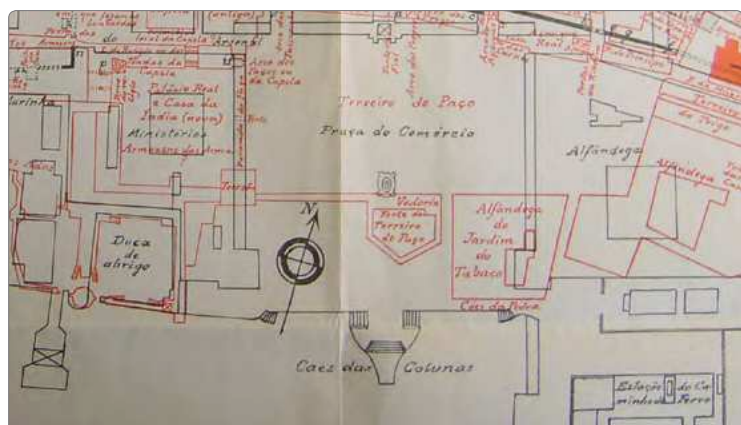
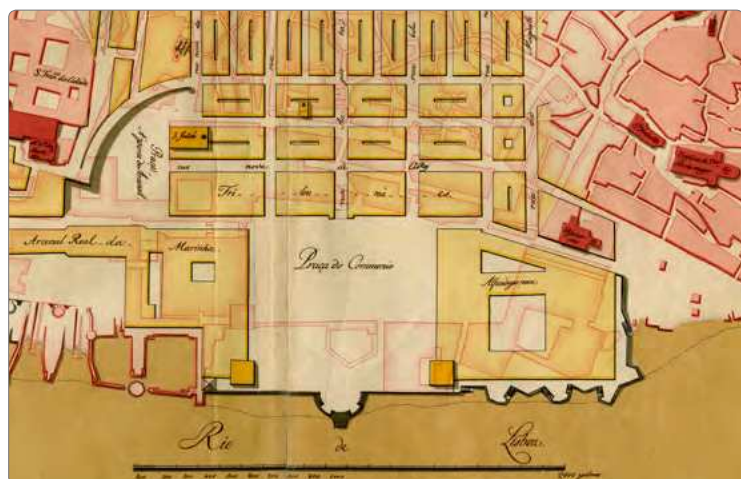
Ao cotejarmos o projecto escolhido para a reconstrução, pós terramoto, da cidade de Lisboa, da autoria de Eugénio dos Santos e Carlos Mardel (Imagem 5), com a representação de Vieira da Silva (1900, vol. II, estampa I) (Imagem 6) e com o “Projecto de Carlos Mardel para o melhoramento do porto de

Imagem 5

“Planta topográfica da cidade de Lisboa arruinada também segundo o novo alinhamento dos architectos Eugénio dos Santos Carvalho e Carlos Mardel”. Museu da Cidade, MC.GRA.0035.

Imagem 6

Pormenor de “Fragmento da planta de Lisboa”. Segundo A. Vieira da Silva, “o traçado e dizeres a vermelho correspondem à Lisboa anterior ao terramoto de 1755, enquanto o traçado e dizeres a preto correspondem à actualidade”. In Vieira da Silva, A. (1900). *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*. Vol.II. Lisboa: Publicações Culturais da CML, 1900 (2.ª ed. 1940), estampa I.



Lisboa incluindo o novo arsenal de marinha” (Imagem 7), anterior ao terramoto, é indiscutível que a solução adoptada para o “caes da Praça” concretiza o projectado por Mardel antes do fatídico dia 1 de Novembro de 1755. Não só a localização do embarcadouro traçado antes do terramoto é próxima do local de implantação do agora conhecido Cais das Colunas como a morfologia dos embarcadouros, em planta, se assemelha Carlos Mardel (1696-1763), exercendo o seu ofício em Portugal, “com patente de Capitão Engenheiro”, desde 1733 (Machado 1922, p. 154), traçou, antes do cataclismo, o “primeiro projecto regular e completo do porto de Lisboa, de que há conhecimento” (Loureiro 1906, p. 159) (Imagem 7). Segundo Júlio de Castilho, o projecto, “composto por três peças desenhadas em cartão”, estaria, em 1893, no “*archivo da Direcção Geral das Obras Públicas*” (Castilho J. 1893, p. 641). Volvidos treze anos, em 1906, assegura Adolpho Loureiro que, das três plantas, já só uma delas existia no Arquivo do Ministério das Obras Públicas - a que se reproduz parcialmente na Imagem 7 -, estando as restantes desaparecidas (Loureiro 1906, p. 159, 161). O projecto gizado por Mardel faz, actualmente, parte do acervo do Arquivo Histórico das Obras Públicas. O seu programa compõe-se de “uma muralha geral entre o caes de Santarem e a actual [em 1882] praça de D. Fernando em Belém; docas de abrigo ao longo, e em diversos pontos da margem” (Paes 1882, p. 105).

Imagem 7

Pormenor do “Projecto de Carlos Mardel para o melhoramento do porto de Lisboa incluindo o novo arsenal de marinha (anterior a 1755)”. A vermelho as melhorias propostas.

In Loureiro, A. F. (1907). *Os portos marítimos de Portugal e Ilhas Adjacentes*. Atlas III. Lisboa: Imprensa Nacional. Estampa I, Fig.ª 2.ª.



PROJECTO DE CARLOS MARDEL PARA O MELHORAMENTO DO PORTO DE LISBOA
INCLUINDO O NOVO ARSENAL DE MARINHA (ANTERIOR A 1755)
 ESCALA $\frac{1}{10:000}$ aproximadamente

O abrangente projecto incluía “dois grandes caes salientes para desembarque, com escadas, um em frente da alfandega e do Jardim do Tabaco, outro em frente do paço real” (Loureiro 1906, p. 160). Para além dos dois novos embarcadouros junto ao Terreiro do Paço, a peça desenhada apontava a construção de outros dois cais, um em frente à “Praça Nova da Boavista”, em Santos, e o “Caes Real”, em Belém (Imagem 8). São evidentes as semelhanças entre

o Cais das Colunas e o “excellente caes mandado fazer por D. José” no “antigo e espaçoso largo de Belém que actualmente [em 1860] se denomina Praça de D. Fernando” (Archivo Pittresco 1860, p. 89). Esta corresponde, na actualidade, à Praça Afonso de Albuquerque. No pós-terramoto de 1755 a gestão das obras públicas foi entregue à *Junta do Commercio* - também encarregue, até Julho de 1780, da arrecadação do donativo dos 4%. Este donativo dos homens de negócios para a reconstrução da cidade, foi confirmado por decreto a 2 de Janeiro de 1756.

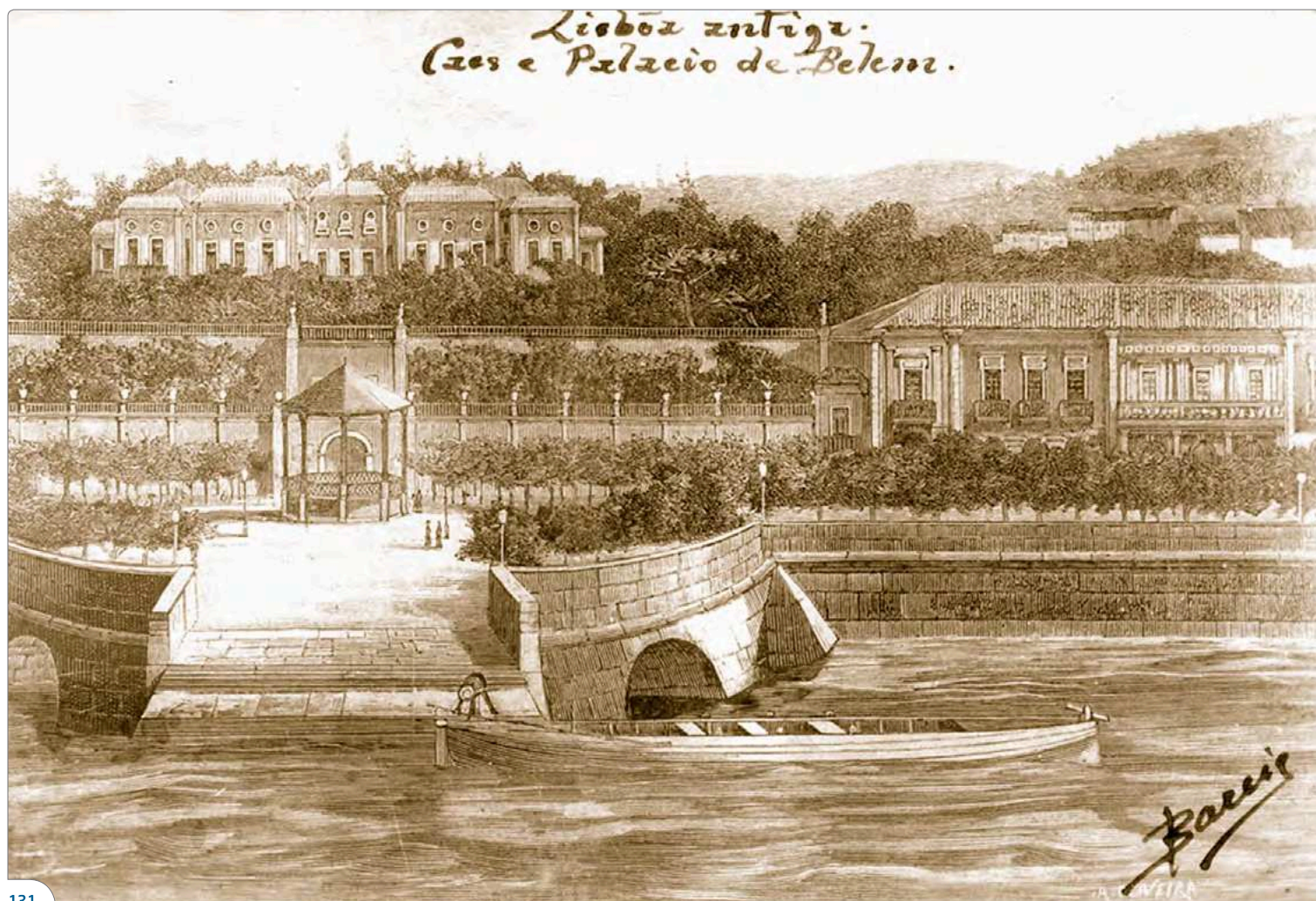
Imagem 8

Caes e Palacio de Belém.

Gabinete de Estudos Olisiponenses, Gravura A. Oliveira, reprodução Barcia

- *Álbum de Bilhetes Postaes: vistas de Lisboa*, V.1. - p. 74, nº 147.

Gabinete de Estudos Olisiponenses, MNL 1-G CMLEO



Assim, sob a administração da Junta do Comércio foram iniciadas as seguintes obras: alfândega interina (Decreto de 12 de Junho de 1756), ribeira das naus e arsenal real (Decreto de 5 de Abril de 1757), e alfândegas e Praça do Comércio (Decreto de 16 de Janeiro de 1758).

A construção do *Caes da Praça* encetou-se na primeira metade da década de 1770, tendo integrado, em termos de gestão e de orgânica de estaleiro, a grande obra da *Praça do Commercio* (Antunes 2015). No entanto, somente ao longo da década de 1880 os trabalhos de construção do *Caes da Praça do Commercio*, composto por "*caes do meyo*" e "*caes dos torreões occidental e oriental*", também integrando a "*obra da alfândega*", foram verdadeiramente estimulados. O papel de D. Maria I no fomento da construção do *caes* foi decisivo. Com a passagem da arrecadação do donativo dos 4% para o Erário Régio, em Julho de 1780, a monarca impôs também a redução de encargos com as obras públicas consideradas desnecessárias e a regularização das contas. Tal implicou o pagamento de fornecimentos (serviços e materiais) ocorridos em vários casos na obra do *caes*, mais de dois anos antes. A construção do *caes da praça* foi concluída no dealbar de Oitocentos.

A designação *caes das columnas* é empregue desde pelo menos 1809. Na *Gazeta de Lisboa* de 22 de Julho desse ano, "*o administrador dos banhos da barca do Hiate, que está defronte do Caes das Columnas ...*" anunciava, com esta precisa localização, os preços de utilização dos afamados equipamentos (Antunes 2013).

Primórdios da valorização histórico-patrimonial do *Caes das Columnas*

A Praça do Comércio, já em 1843 considerada "*uma das mais belas da Europa*" (Denis 1843, p. 47), representava no imaginário colectivo a antiga praça real de Lisboa. Relata a consorte de Junot nas suas memórias dos anos de 1805 e 1806: "*À beira Tejo, no extremo desse pequeno vale, fica a bela praça do Comércio, outrora chamada Terreiro do Paço. Não há nada em Paris, mesmo actualmente, tão belo como os cais que bordejam esta parte da margem; as pequenas embarcações, como os escaleres, as chalupas, e mesmo as leves embarcações à vela, acostam facilmente, e põe-se o pé em terra sobre compridas lajes brancas que formam uma escada*" (Abrantes 2008). Apesar de, pelo menos desde o início do século XIX o desembarcadouro despertar o interesse de parte da mais ilustrada população nacional e estrangeira, data de 24 de Outubro de

1842 a primeira postura municipal em que é manifesto o cuidado com a sua correcta utilização. Esta postura proíbe "*a demora, no Caes das Columnas, de fragatas e mais barcos que viessem carregados, por impedirem o livre desembarque dos passageiros que alli concorrem*" (Câmara Municipal de Lisboa 1843, p. 28). Desde a primeira década de Oitocentos os banhos no rio, recorrendo às "*barcas de banhos*" fundeadas defronte do Terreiro do Paço e do seu cais, haviam entrado na rotina dos habitantes da cidade (Antunes 2013). A popularização dos banhos, e dos seus pretensos benefícios, levou à vulgarização do acto e à proliferação de banhistas indesejados junto ao vasto cais que fechava a praça. De tal modo que, em Agosto de 1843, o município lisboeta "*mandou remetter por copia ao Governador Civil uma Representação do Administrador do Bairro do Rocio, pedindo providencias, assim como para evitar o escandalo com que mulheres publicas, e rapazes inteiramente nus, se banhavam em pleno dia no Caes do Terreiro do Paço*" (Câmara Municipal de Lisboa 1844, p. 17). Já em edital de 25 de Outubro de 1850, visando a conservação do embarcadouro, o município lisboeta "*mandou que se fizessem annuncios declarando que, em consequência dos graves prejuizos que causava á cantaria dos Caes o abuso de se amarrarem os barcos sem ser nas argolas para isso destinadas, ficava vedado aos barqueiros continuarem com semelhante abuso*" (Câmara Municipal de Lisboa 1851, p. 19). De acordo com Júlio de Castilho, a edilidade "*insurge-se contra o abuso de atracarem os arraes às cantarias dos caes, especialmente do do terreiro do Paço, enterrando grossos pregos nos intervallos das lageas, atravancando a passagem, e deturpando por todos os feitios estas entradas da capital*" (1893, p. 518).

Imagem 9

"Boats on the Tagus". In *The Illustrated London News*, 5 Jan. 1884, p. 8.



O interesse que o Cais despertava nos estrangeiros é revelado, em 1899, por Gustave Clausse que o refere como “*élégant débarcadère*” (1889, p. 57) e, em 1884, pela publicação da gravura “*Boats on the Tagus*” (Imagem 9) no “*The Illustrated London News*” (5 Jan. 1884, p. 8). Os ecos dados pelos jornais quanto ao estado de conservação do cais-embarcadouro ganharam novo ímpeto com o crescente recurso à fotografia. Em 1899, a publicação *Brasil-Portugal* anunciava o mau estado em que estavam as colunas, revelando estar uma delas desaparecida: “*Está condenado a desaparecer o velho caes do Terreiro do Paço, chamado Caes das Columnas, pelas duas columnas de pedra, assentes na água, que lhe servem de remate. São coevas da reedificação de Lisboa, e teem assistido a milhares de festas nacionais que teem por theatro a formosa bahia do nosso Tejo. Há pouco ainda devia chamar-se-lhe o Caes das Columnas, porque um temporal violento roubou em tempo uma das velhas columnas, deixando a que lhe sobreviveu, isolada no seu posto, triste e erecta, esperando a sua sentença de morte próxima.*”

Essa mesma, que ainda aparece na nossa gravura, já não existe...” (*Brasil-Portugal* 16 Março 1899, p. 7). D. Carlos subiu ao trono a 19 de Outubro de 1889. O seu reinado foi marcado por diversas visitas de chefes de Estado, sendo o cais o palco privilegiado de recepção e/ou de partida de diversas individualidades, tais como: o Rei Eduardo VII de Inglaterra (em 1903), o Rei Afonso XIII de Espanha (em 1903), o Imperador Guilherme da Alemanha (em 1905) e o Presidente francês Émile Loubet (em 1905). A todos estes acontecimentos foi dado proeminente destaque pelos periódicos da época, o que se revelou determinante para o crescente interesse pelo cais-embarcadouro-monumento e para a consolidação da sua identidade e importância histórico-cultural. As notícias eram normalmente acompanhadas de representativas fotografias que, para além de atestarem a pompa habitual das cerimónias, permitem também confirmar as alterações das colunas do cais.

Imagem 10

“*A view of the Praça do Commercio at Lisbon, taken from the Tagus*”, desenho de Alexandre Jean Noël, gravura de John Wells, data provável 1793. Biblioteca Nacional de Portugal, e-1502-a, purl.pt/13650/2/



As colunas do cais, identidade e mutação

Sendo o seu elemento distintivo, as colunas têm sido igualmente o elemento mutante. Com efeito, foram sendo sucessivamente substituídas e, por várias vezes e por longos anos, estiveram ausentes.

O primeiro registo iconográfico do cais da Praça do Comércio e das suas colunas que se conhece tem data estimada de 1793 (Imagem 10). A gravura revela a configuração idealizada das primitivas colunas: cilíndricas, sem ornatos de remate nem base distinta. Em duas outras gravuras da primeira metade de Oitocentos, do espólio do Museu da Cidade de Lisboa, representando o “*embarque dos francezes*” (em 1808) (Imagem 11) e o “*desembarque d’el rei D. João VI*” (em 1821) (Imagem 12), estes sinais pétreos apresentam-se idênticos e claramente idealizados. A gravura apresentada como Imagem 11 menciona incorrectamente a designação “*Caes da Pedra*”, aludindo ao cais mandado fazer “*de novo*” por D. Manuel (Goes 1749, p. 600) e que “*o impeto das águas (...) desfez*” em 1755 (Castilho J. 1893, p. 446). Evidentemente, não se trata do “*caes da pedra*” referido com o número 130 na gravura “*Olissippo quae nunc Lisboa, ciuitas amplissima Lusitaniae, ad Tagum totig Orientis, et multarum Insularum Africae quae et Americae emporium nobilissimem*”, de autor anónimo, inserida por Georgius Braunio no volume

V da sua obra *Civitates Orbis Terrarum*, datada de 1593.

A representação de 1848 (Imagem 13) revela ter ocorrido substituição das colunas originais, cilíndricas e sem remates nem base distintos, por uma versão coroada com esfera e embasada em pedestal cúbico.

Esta morfologia é confirmada naquele que é o primeiro registo fotográfico das colunas, de 18 de Maio de 1858, constando do acervo do Centro Português de Fotografia, pelo notável trabalho do fotógrafo do periódico parisiense *L’illustration* Amédée Lemaire de Ternante, encarregue de acompanhar a recepção e festividades do casamento de D. Estefânia Hohenzollern-Sigmaringen com D. Pedro V. Em 1875, concluído o Arco da Rua Augusta, o *Diário Illustrado* fez a primeira página com uma gravura da Praça do Comércio e do cais, ostentando este agora colunas sem qualquer remate (Imagem 14). A mesma forma é confirmada pelas fotografias publicadas no último quinquénio de Oitocentos no *The Illustrated London News* (Imagem 9), de 1884, e em dois periódicos nacionais: *Branco e Negro* de 20 de Setembro de 1876 (Imagem 15) e *Brasil-Portugal* de 16 de Março de 1899. Tal como antes referido, nesta última publicação dava-se conta do mau estado em que se encontravam o cais e as suas colunas pétreas, confirmando estar uma delas desaparecida.

Imagem 11

“*Embarque dos francezes. No Cães da Pedra, na Gloriosa Restauração da Cidade de Lisboa em o dia 15 de Setembro de 1808*”, Manuel de Matos, gravura de C.T. Angeli, Lisboa, primeira metade do séc. XIX. Museu da Cidade, MC.GRA.1547.



Imagem 12

“*Desembarque d’el Rei Dom João VI. Acompanhado por uma deputação das Cortes. Na magnifica Praça do Terreiro do Paço em 4 de Julho d’1821, regressando do Brasil*”, Constantino Fontes, Lisboa, séc. XIX. Museu da Cidade, MC.GRA.1350.





Imagem 13

Vista da Praça do Comércio defronte da qual se encontram fundeadas diversas barcas dos banhos, gravura de 1848. Note-se a ausência do arco da Rua Augusta, só concluído em 1875. Arquivo Municipal de Lisboa, A7739.



Imagem 14

Terreiro do Paço e Cais das Colunas, em 1875.
In Terreiro do Paço. (1875). *Diário Ilustrado*.
Porto: A. 1, n.º 132 (6 Jun. 1875), p. 1.



Imagem 15

O "antigo Caes das Columnas", 1896. In Branco e Negro: semanário ilustrado. (1896). Lisboa.
A. 1, vol. 1, n.º 25 (20 Set. 1896), p. 5.

Quando, em Dezembro de 1903, D. Carlos recebeu Afonso XIII de Espanha, já o *Caes das Columnas* havia recebido novos ornatos verticais (Imagem 16). As novas colunas, de secção quadrangular e arestas biseladas na metade superior do fuste, encimam base tronco-piramidal e são terminadas por globos. Da observação atenta das imagens resulta a verificação de que as elegantes colunas dos anos 1903 a, pelo menos, 1905 são de madeira. O padrão de alteração de materiais pétreos não se coaduna com os revelados pelas colunas nas fotografias. Esta evidência é indiscutível pela análise dos registos da recepção à rainha Alexandra de Inglaterra, em Março de 1905 (Imagem 17). O desembarque de oficiais da esquadra japonesa ancorada no Tejo, acompanhados pelo seu representante diplomático em Lisboa, ocorrido em Agosto de 1907, foi noticiado na *Ilustração Portuguesa* de 26 de Agosto (1907, p. 281). Regista-se o retorno, ao cais da mais importante praça da capital, de robustas colunas pétreas de fuste troncocónico e sólida base cúbica (Imagem 18). A generalidade das colunas identificadas nas várias fontes gráficas datadas de 1907 até à actualidade,

Imagem 16
Desembarque de Afonso XIII de Espanha, no Cais das Colunas, Dezembro de 1903. Arquivo Municipal de Lisboa, A77176.



Imagem 17

Rei D. Carlos e pormenor de coluna, revelando constituição em material lenhoso. Detalhe de fotografia do desembarque da rainha Alexandra de Inglaterra, no Cais das Colunas. António Novais, Março de 1905. Arquivo Municipal de Lisboa, B084666.



seguem idêntica morfologia e são rematadas com esferas. A queda das colunas, representando por vezes vários anos de ausência de um ou mesmo dos dois ornatos, terá sido uma constante durante diversas décadas. Ribeiro Cristino frisou a sua falta, no início da década de 1910, nas páginas do *Diário de Notícias*, com a publicação do artigo "O Caes das ex-colunas" (Cristino 1923, p. 14-16). A 13 de Março de 1925, o jornal *A Época* fazia saber que "na última reunião da Câmara Municipal de Lisboa, o sr. dr. Alexandre Ferreira chamou a atenção da Comissão Executiva e especialmente ao vereador do pelouro de engenharia sr. Raul Caldeira, para o facto, de no Cais das Colunas, não existirem há muito as colunas que deram origem àquela nomenclatura". Subsistiam dúvidas sobre

qual o organismo que teria competência para a sua colocação: Câmara Municipal de Lisboa ou Ministério do Comércio. As colunas regressaram ao cais a que deram o nome em Julho de 1929. Assim o noticiou o *Diário de Notícias* de 9 de Julho desse ano: "O Cais das Colunas estava há largos anos sem colunas (...) A primeira das colunas do cais ficou ontem de pé, como a nossa gravura atesta e prova. Pouco falta, portanto, para que o «Diário de Notícias» possa dizer nas suas colunas que o Cais das Colunas voltou a ter colunas no cais". Em Fevereiro de 1941 a tempestade que assolou a cidade derrubou de novo as colunas, tendo estas sido repostas em Outubro do mesmo ano "pela cábreia «Adolfo Loureiro» da Administração Geral do Porto de Lisboa" (*O Século* 17 Outubro 1941).

Imagem 18
Desembarque de oficiais da esquadra japonesa ancorada no Tejo. Joshua Benoliel, Agosto de 1907. Arquivo Municipal de Lisboa, A11212.



Arrogamos que à génese da Praça do Comércio subjaz a soberania - primeiro a do rei, depois a do Estado. O cariz de símbolo de poder do Cais das Colunas foi vincado por D. Carlos e definitivamente consolidado pelas inscrições que o Estado Novo fez sulcar nas suas colunas (Imagem 19). As novas colunas, evocativas das viagens "às terras ultramarinas do império" realizadas pelo chefe de Estado nos Verões de 1938 e 1939, com inscrições exultando o patriotismo luso, tornaram, assim, o cais num irrevogável símbolo do poder do Estado e da Nação.

Imagem 19
"Palavras de Carmona e Salazar gravadas nas colunas do cais do Terreiro do Paço, perpetuando as viagens do Chefe do Estado ao Império Colonial Português", 1939. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Arquivo Fotográfico, PT/TT/CMZ-AF-GT/E/29/4/156.

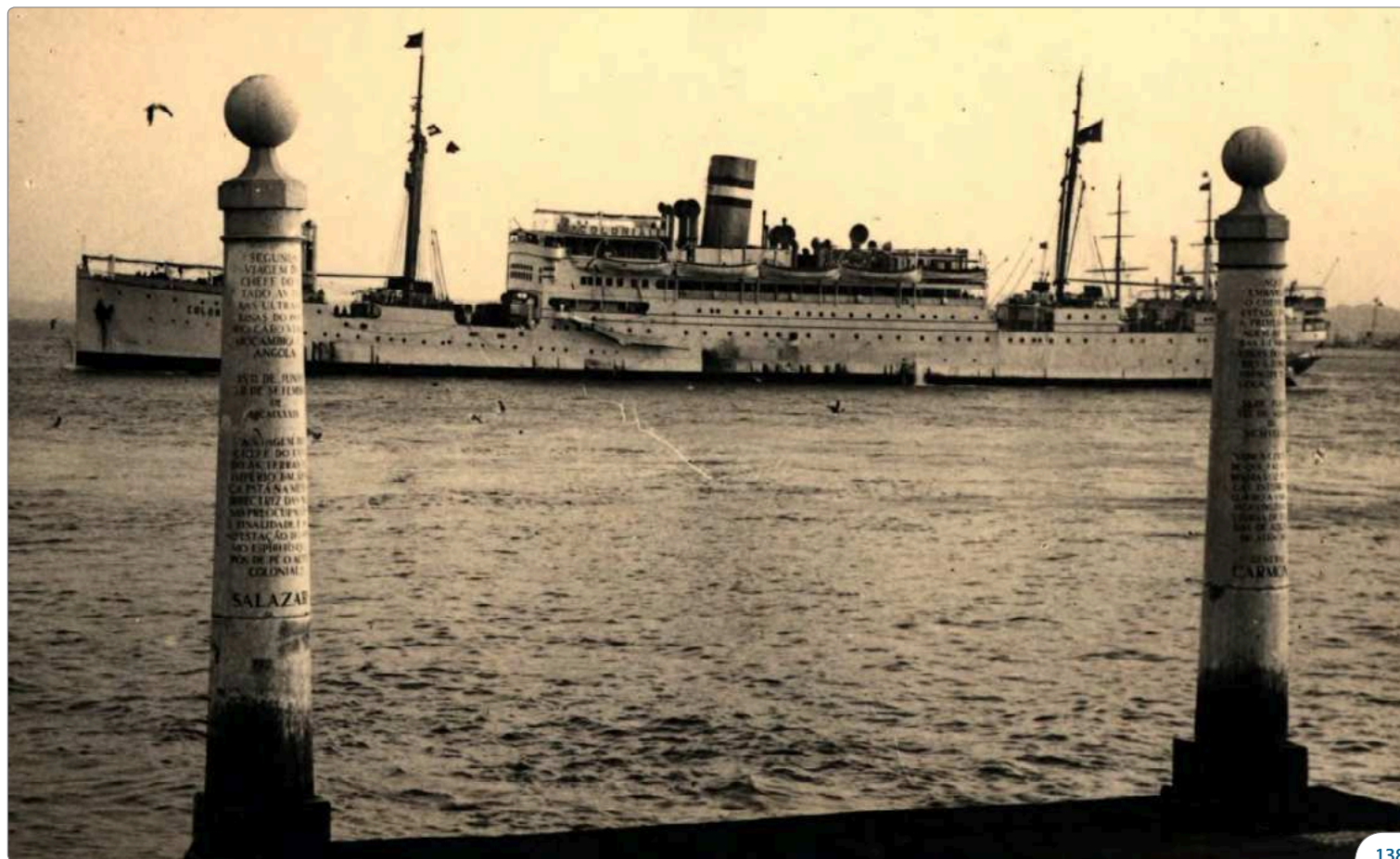
Apesar de em diversas ocasiões terem estado ausentes, por vezes ao longo de anos, as colunas que em 2014 ali se encontram são as mesmas que foram colocadas em 1939. Os baixos-relevos eram inicialmente pigmentados de cor escura, o que auxiliava a leitura das mensagens. Hoje, depois de décadas de vicissitudes, parte das inscrições está desaparecida.

Originalmente a coluna oriental registava:

SEGUNDA VIAGEM DO CHEFE DE ESTADO ÀS TERRAS ULTRAMARINAS DO IMPÉRIO: CABO VERDE, MOÇAMBIQUE E ANGOLA.

XVII DE JUNHO – XII DE SETEMBRO DE MCMXXXIX

"A VIAGEM DO CHEFE DE ESTADO ÀS TERRAS DO IMPÉRIO EM ÁFRICA ESTÁ NA MESMA DIRECTRIZ DAS NOSSAS PREOCUPAÇÕES E FINALIDADE. É MANIFESTAÇÃO DO MESMO ESPÍRITO QUE PÔS DE PÉ O ACTO COLONIAL"
SALAZAR



Enquanto a coluna ocidental ostentava a inscrição:

AQUI EMBARCOU O CHEFE DE ESTADO PARA A PRIMEIRA VIAGEM ÀS
TERRAS ULTRAMARINAS DO IMPÉRIO: S. TOMÉ E PRÍNCIPE E ANGOLA
XI DE JULHO – XII DE AGOSTO DE MCMXXXVIII
“COM CERTEZA DE QUE FALA PELA MINHA VOZ PORTUGAL
INTEIRO, PROCLAMA A UNIDADE INDESTRUTÍVEL E ETERNA
DE PORTUGAL, DE AQUÉM E DE ALÉM MAR”
GENERAL CARMONA

O Arquivo Municipal de Lisboa detém fotografias dos anos 1948 (cotas A12136 / N10361-18 e A12139 / N10361-20) e 1953 (cota A22172 / N20097) em que as colunas pétreas estão ambas presentes e completas.

Em Fevereiro de 1957, no derradeiro desembarque de Estado ocorrido no Cais das Colunas, configurado pela recepção à rainha Isabel II de Inglaterra, a homenagem à monarca *"teve expressão lindíssima (...) A rainha, ao descer na terra portuguesa, poisou a vista em flores – muitas e formosas flores. Todo o cais era um açafate a transbordar de camélias brancas e encarnadas, mimosas, sem mácula"* (Câmara Municipal de Lisboa 1957, p. 8). No entanto, é notória a ausência das simbólicas colunas (Imagem 20). O Arquivo Municipal de Lisboa conserva registos dos últimos anos da década de 1960 que permitem atestar a ausência das colunas em 1967 (Imagem 21) e a sua presença em 1966 (Imagem 22). À data da revolução de Abril de 1974, as colunas estavam presentes e completas, conforme as inúmeras fotografias consultadas no mesmo arquivo (Imagem 23).



Imagem 20

Ausência das colunas do cais na recepção a Isabel II de Inglaterra. Artur Pastor, Fevereiro de 1957. Arquivo Municipal de Lisboa, ART000169.

Imagem 21

Ausência das colunas. Amadeu Ferrari, entre 1950 e 1970. Arquivo Municipal de Lisboa, FER006810..

Imagem 22

Passageiros desembarcando de cacilheiro. No canto superior direito vêem-se as colunas do cais, estando a coluna poente rodeada de andaimes e tendo em falta o globo que a encimava. Armando Seródio, 1966. Arquivo Municipal de Lisboa, B092056.

Imagem 23

Revolução de 25 de Abril de 1974. Alfredo Cunha, 25 de abril de 1974. Arquivo Municipal de Lisboa, B089063.



Empreitada de desmontagem, 1996-1997

É de facto necessário desmontar, mesmo que parcialmente, o Cais das Colunas? Foi esta a questão primordial que colocou a equipa de projecto encarregue do túnel de metropolitano da zona ribeirinha da Praça do Comércio. E, em caso positivo, qual o limite de desmonte necessário?

Poderá o antigo embarcadouro beneficiar, de algum modo, de uma intervenção de tão elevado impacto como a que se projectava? Atendendo às anomalias estruturais, com o assentamento localizado de fundações associado às inúmeras alterações superficiais da rocha carbonatada, o estado de conservação do Cais das Colunas era, em 1996, alarmante (Imagem 24).

A construção do túnel implicaria a execução de um aterro cuja implantação coincidia com o limite sul do pavimento do cais, onde se localizam as colunas (Imagem 25). Para que os trabalhos de construção decorressem em segurança e com as condições técnicas necessárias, salvaguardando o antigo embarcadouro de danos físicos, foi necessário desmontar cerca de milhar e meio de blocos pétreos, o que corresponde a mais de metade do total dos que constituem o monumento.

À adjudicação da empreitada *Desmontagem, Guarda e Remontagem do Cais das Colunas*, seguiu-se a constituição da equipa pluridisciplinar encarregue do acompanhamento dos trabalhos (Antunes 2011; Antunes 2012).

Os trabalhos preliminares tiveram início em Novembro de 1996 e prolongaram-se até Maio de 1997. Destes, fizeram parte:

1. Estudos históricos, iconográficos, fotográficos e cartográficos;
2. Levantamento fotográfico completo;
3. Desenho de alçados e de pavimentos;
4. Levantamento fotogramétrico;
5. Tipificação de patologias e seu mapeamento;
6. Caracterização litológica;
7. Definição dos procedimentos de desmontagem, transporte e armazenagem;
8. Definição das medidas de conservação/restauro de emergência a aplicar após a desmontagem;
9. Definição do sistema de numeração e marcação dos blocos de lioz a desmontar (Antunes 2011; Antunes 2012).

Os trabalhos de desmontagem decorreram entre Maio e Agosto de 1997. Fez-se a cintagem e içamento de cada um dos blocos, seguindo-se a sua marcação com chapa de numeração, de alumínio, através de adesivo reversível.

A desmontagem da coluna ocidental realizou-se por segmentos,

dado que era constituída por quatro grandes anéis. A coluna oriental, desaparecida vários meses antes do início da empreitada, foi localizada no lodo durante uma baixa-mar de muito reduzida cota. Foi possível recuperá-la do leito do rio, depois de inúmeras tentativas, recorrendo a equipamentos de elevação e movimentação de cargas (Imagem 26).

Imagem 26 (3)

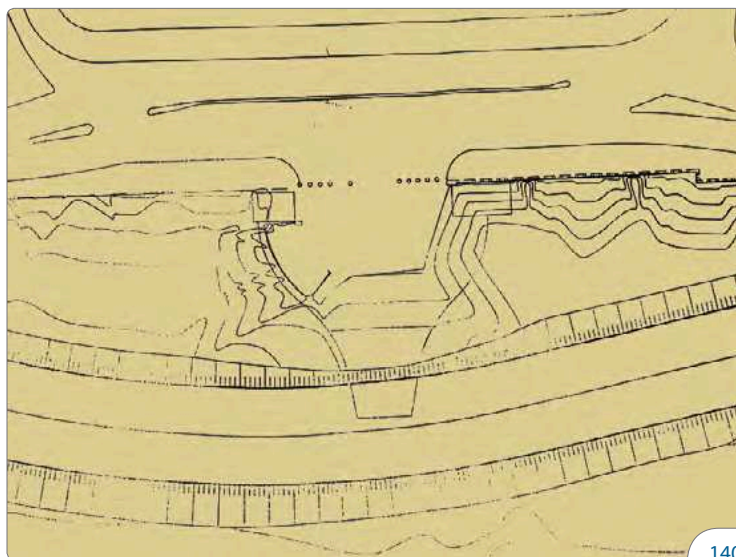
Sequência de recuperação da coluna oriental do Cais das Colunas, atolada no lodo, Junho de 1997. (Arquivo ACA, todos os direitos reservados)

Imagem 24

Pormenor do Cais das Colunas, Dezembro de 1996. (Arquivo ACA, todos os direitos reservados)

Imagem 25

Planta do aterro a fazer para a construção do túnel de metropolitano, 1996. (Arquivo ACA, todos os direitos reservados)





Empreitada de reposição, 2008

Projecto, especificações técnicas e caderno de encargos da empreitada *Reposição do Cais das Colunas no Terreiro do Paço* foram delineados em 2006/2007. As soluções preconizadas primaram pelo respeito da autenticidade e integridade do Cais e previram ainda a necessária consolidação e reforço pontual das fundações do monumento (Antunes 2011; Antunes 2012). A empreitada decorreu entre Maio e Setembro de 2008, tendo sido cumpridos o prazo e o orçamento. Os trabalhos de desmontagem haviam revelado o verdadeiro estado de conservação dos blocos, principalmente de pavimento. Alguns desagregaram-se por completo e outros desmontaram-se, em certos casos, em mais de dez fragmentos. Houve que definir critérios de substituição, assegurando as características mecânicas do conjunto, sem esquecer o respeito pela autenticidade do embarcadouro. Por regra, foram substituídos os blocos que se encontrassem em mais de dois fragmentos e/ou com evidente falta de coesão. O número de elementos a substituir foi reduzido ao mínimo e nestes empregou-se rocha carbonatada, idêntica à original mas com diferente acabamento. O original gateamento de ferro, chumbado aos elementos pétreos, foi substituído por um sistema de grelha de polipropileno e poliéster – solidarizando o conjunto e fixando-o ao núcleo do Cais das Colunas. Desde modo, anularam-se os esforços impostos ao material pétreo que, ao longo de mais de dois séculos, lhe causaram fissuras, fracturas e lascagem. As simbólicas colunas foram objecto de cuidados especiais, tendo-lhes sido devolvida a solidez e a estabilidade, há muito perdidas, através do reforço e solidarização dos seus vários elementos. Para tal foi empregue um sistema de encaixes, integralmente reversível, constituído por maciços de resina e pó de pedra (Imagem 27).



Notas finais

Para a determinação do irrevogável valor histórico-patrimonial do Cais das Colunas, para além da sua qualidade intrínseca, foram decisivas as diversas recepções e partidas de personalidades com relevância política e social ali verificadas, bem como as inúmeras festividades de que foi palco, sem esquecer o registo das inscrições comemorativas das viagens ultramarinas do então Presidente da República. Com o presente artigo apresentamos sumariamente os antecedentes e o contexto de construção do *caes da Praça do Commercio*, discutimos os primórdios da valorização histórico-patrimonial do *Caes das Columnas* e apresentamos algumas das diferentes colunas que integraram o monumento sem o destituir da sua identidade. Pelo contrário, reforçando-a. Inclui-se na lista de fontes e bibliografia o estudo monográfico do Cais das Colunas, em preparação, com conclusão prevista para 2015. Foi ainda nosso propósito contribuir para a divulgação pública, junto dos olisipógrafos mas sobretudo da população em geral, do extremo cuidado e rigor que norteou a complexa operação de desmontagem e reconstrução parciais do Cais das Colunas. Em face da relevância do monumento, não teria havido outro trilha a seguir. Está actualmente em curso o *Plano de monitorização e ensaios* (Antunes & Coroado, 2014), preconizado para o biénio 2014-2015. Os resultados destes estudos permitirão definir um *Plano de Conservação Preventiva* a propor aos organismos públicos que tutelam a salvaguarda deste insubstituível elemento do património cultural construído português. A atenção ao Cais das Colunas requer continuidade que não pode - nem deve - ser negligenciada. Está em causa a digna conservação de um dos mais emblemáticos elementos do património construído nacional.



Fontes e bibliografia

A Época. (1925). 13 Março de 1925.

Abrantes, Duquesa de. (2008). *Recordações de uma estada em Portugal, 1805-1806*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

Antunes, A.C. (2011). O Cais das Colunas, Lisboa, Portugal - de embarcadouro a monumento. *Actas do Simpósio Património em construção - contextos para a sua preservação* (ed. J. Delgado Rodrigues e S.M.R. Pereira). Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Novembro de 2011, p. 319-326.

Antunes, A.C. (2012). Desmontagem e Reposição do Cais das Colunas, 1996-2008. Contributo para o conhecimento das metodologias adoptadas. *Anuário do Património 2012*. Lisboa: GECoRPA - Grémio do Património, p. 30-33.

Antunes, A.C.; Coroado, J.F. (2012). Preliminary results on the characterization of limestone from Cais das Colunas (Lisbon, Portugal).

Abstracts book of the 2nd International Workshop on Physical and Chemical Analytical Techniques in Cultural Heritage. Analysis, Characterization, Conservation, Preservation. Lisbon (Portugal), 4th - 5th June 2012, p. 39.

Antunes, A.C. (2013). As barcas dos banhos da Praça do Comércio e os banhos terapêuticos no rio Tejo (séc. XIX). Comunicação apresentada no *II Congresso de História Contemporânea da Rede Portuguesa de História Contemporânea*. Universidade de Évora, Maio de 2013.

Antunes, A.C.; Coroado, J., Sequeira, M.C.; Bolton, J.; Rocha, F.T. (2013). Characterization of lime mortars from an 18th century river Tagus quay (Lisbon, Portugal). *International Journal of Conservation Science*, 4, special number (2013), p. 515-424.

Antunes, A.C.; Coroado, J. (2014, no prelo). Notas preliminares acerca do plano de conservação preventiva de um cais marítimo português. *Actas das IX Jornadas de Arte e Ciência. V Jornadas ARP. A prática da Conservação Preventiva*. (UCP, 29 e 30 de Novembro de 2013). Porto: Universidade Católica Portuguesa.

Antunes, A.C. (2015 previsto). *O Cais das Colunas, estudo monográfico*. (em curso)

Archivo Pittoresco: semanario ilustrado. (1860). Lisboa:

Castro, Irmão & C.^a, 1860, vol. III, p. 89.

Branco e Negro: semanario ilustrado. (1896). Lisboa. A. 1, vol. 1, n.º 25 (20 de Setembro de 1896), p. 5.

Brasil-Portugal. (1899). 16 de Março de 1899, p. 7.

Câmara Municipal de Lisboa. (1843). *Synopse dos principaes actos administrativos da Camara Municipal de Lisboa em 1842*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Câmara Municipal de Lisboa. (1844). *Synopse dos principaes actos administrativos da Camara Municipal de Lisboa em 1843*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Câmara Municipal de Lisboa. (1851). *Synopse dos principaes actos administrativos da Camara Municipal de Lisboa em 1850*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Câmara Municipal de Lisboa. (1957). A visita da Rainha de Inglaterra a Portugal. *Revista Municipal*. N.º 72, p. 5-36.

Castilho, A. (dir.). (1899). Caes das Columnas. *Brasil-Portugal*. Lisboa: Typografia da Companhia Nacional Editora, A. 1, vol. 1, n.º 4 (16 de Março de 1899), p. 7.

Castilho, J. (1893). *A Ribeira de Lisboa - Descrição Histórica da margem do Tejo, desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Clausse, G. (1889). *Espagne. Portugal. Notes historiques et artistiques sur les Villes principales de la Péninsule Ibérique*. Paris: Librairie de l'Art.

Cristino, R. (1923). *Estética Cidadina*. Lisboa: Depositária Livraria Portugal. [edição actualizada e ilustrada da série publicada no *Diário de Notícias* entre 1911 e 1914]

Denis, M.F. (1846). *Portugal Pittoresco ou Descrição Historica d'este Reino*. Vol. IV. Typographia de L.C. da Cunha.

Diário de Notícias. (1929). 9 de Julho de 1929.

Goes, D. de. (1749). *Chronica de D. Manuel*. Parte IV, cap. LXXXV. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa.

Ilustração Portuguesa. (1907). 26 de Agosto de 1907, p. 281.

Loureiro, A.F. (1906). *Os portos marítimos de Portugal e Ilhas Adjacentes*. Volume III, Parte I. Lisboa: Imprensa Nacional.

Loureiro, A.F. (1907). *Os portos marítimos de Portugal e Ilhas Adjacentes*. Atlas III. Lisboa: Imprensa Nacional.

Machado, C.W. (1922). *Collecção de memórias relativas às vidas dos pintores, e escultores, architetos, e gravadores portugueses, e dos estrangeiros, que estiverão em Portugal, seguidas de notas pelos Dr. J. M. Teixeira de Carvalho e Dr. Vergílio Correia*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

O Século. (1941). 17 de Outubro de 1941.

Oliveira, E.F. (1911). *Elementos para a História do Município de Lisboa*. Vol. XVII. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Paes, M.C.C. (1882). *Melhoramentos de Lisboa e seu porto*. Tomo II. Lisboa: Tipografia Universal, 1882.

Terreiro do Paço. (1875). *Diário Ilustrado*. Porto:

A. 1, n.º 132 (6 de Junho de 1875), p. 1.

The Illustrated London News. (1884). London: Illustrated London News, 5 de Janeiro de 1884.

Vieira da Silva, A. (1900). *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*. 2 Vols. Lisboa: Publicações Culturais da CML, 1900 (2.ª ed. 1940).

Imagem 27

Pormenores de encaixes de coluna, Agosto 2008.
(Arquivo ACA, todos os direitos reservados)